

23 de julho de 2023 nº2
ano II

Tatuí, SP

JORNAL

BULI

28º FETESP

**FESTIVAL ESTUDANTIL DE TEATRO
DO ESTADO DE SÃO PAULO
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**





NO FRESCOR DA HORA

4

**"A LIBERDADE DOS GRITOS NA
MELODIA DAS CORES"**

JULIA PEDREIRA

9

DEMORA A VEM E SE ADENTRE

JULIA PEDREIRA

14

**SUA MEMÓRIA TEM CHEIRO E
GOSTO DE QUÊ?**

FELIPE DE MENEZES

18

OCUPAR TUDO, INCLUSIVE, O CORAÇÃO

FELIPE DE MENEZES

COXIA

23

O NERVOSISMO EM CHÃO BRASIL

MARCO ANTONIO PEDRA

28

UM AMONTOADO ORGANIZADO

THIAGO MARCHETTO

CHARGES

33/37

SANTOS?

AINDA DÁ TEMPO!

OCUPAR

KAIO ALEXANDRE

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

34

OCUPAR É RESISTIR

VIKTOR MIRANDA

38

RIDENDO CASTIGAT MORES

TADEU RENATO

41

EXPEDIENTE





"A LIBERDADE DOS GRITOS NA MELODIA DAS CORES"

POR JULIA PEDREIRA

*apreciação do espetáculo Chão Brasil
a partir do painel conduzido por
Lígia Helena – VQV – e Thiago Leite –
Conservatório de Tatuí*

Há trinta anos a Cia. Tal&Pá surgiu a partir de um evento escolar que angariava fundos durante as festas juninas. A potência do encontro dos jovens e a necessidade deste espaço de expressão e pesquisa foram as sementes para a formação

deste coletivo que, agora, depois de alguns anos e muitas batalhas para se manter não apenas vivo, mas também sonhando, se apresenta novamente no Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, em Tatuí. O FETESP – que já foi tão importante para a Cia. Tal&Pá como terreno de experimentação, aprendizado e criação de novas parcerias – ressurge como terreno de reencontro e abertura para novos voos.

Chão Brasil, espécie de manifesto ou intervenção cênica, é o primeiro experimento em espaço aberto da companhia. Na Praça da Matriz, em um fim de tarde de céu límpido e sol ameno, fomos recebidos pelo frescor efusivo de uma ciranda de cores e canções. Diante da pergunta de Maria Flor, uma das integrantes do grupo, – “na percepção de vocês, o que a gente era?” – pudemos ouvir do público respostas como: palhaços, revolucionários, brasileiros, emoções, uma família. Provavelmente, um pouco de tudo isso.

Vestidos de trajes variados e com uma linda maquiagem clownesca contornando seus olhares cheios de curiosidade e brilho, compunham retratos singelos de esperança, apesar da sempre afirmada consciência lúcida e crítica diante do esqueleto velho e ainda opressor de uma “pátria mãe” tingida de violência. Mas se a dor está lá, não é o peso que a carrega, e sim a leveza de lenços esvoaçantes no ar, guarda-chuvas girando no céu, movimentos ligeiros de corpos dançantes e melodias inspiradoras nos fazendo lembrar a todo instante não da “pátria mãe gentil”,

mas da pátria que nos faz querer voltar porque a saudade pesa uma tonelada.

Nessa arena de expressividade e emoção, a despedida – o desejo de partir, de mudar, de se libertar das amarras – é lançada a nós a todo momento, mas sempre nos trazendo de volta, ao nos fazer ouvir as estrelas que ainda brilham acima de nossas cabeças enquanto pisamos este chão chamado Brasil. “Eu vou me embora desse chão, meu futuro já partiu”, anuncia o menino, que no início do espetáculo avisa: “Eu sou o teatro!”. Mas se o teatro partir, o que nos resta então? Sob a corda bamba imaginária, aqueles revolucionários palhaços ou lampejos de emoções se equilibram, sobrevivem, insistem em cantar – cantos que nos trazem memória e raiz. Melodias de pertencimento.

Talvez por isso, não à toa, diante da pergunta “se a gente tivesse que dar um título para o que vivenciamos aqui hoje, qual seria?” – uma voz lucidamente respondeu “Jatobá”. Uma árvore que nos redimensiona a existência, que nos lembra do tempo não como a linearidade cronológica do relógio, mas como vida acumulada em cada galho e fruto que não cessa de brotar e renascer. O tempo espiralar da possibilidade de reexistir de formas tão variadas e vibrantes é o que nos chega, nessa tarde, diante desses jovens artistas evocando canções do passado e as transformando no tempo de agora. Chão Brasil nos faz sorrir, apesar da realidade árida da terra. Sorrir aquele sorriso bom, que umedece o chão para as sementes

germinarem e florescerem, apesar de tudo. É com um suspiro pleno de quando se chega ao final que tal ciranda-manifesto se encerra, deixando fluir sua força colorida e tão à flor da pele pelos ares de Tatuí.

Antes de acabar, outra voz no público anuncia, diante daquele acontecimento que acabamos de vivenciar, a lembrança de uma memória-futuro, um lampejo para o presente: a possibilidade de libertar nossos gritos. Os sinos da Igreja da Matriz tocam, o som do metal aveludado e ecoante nos lembra que o tempo ainda não acabou – o acontecimento ainda se estende nessa trama sensível entre público, artistas, praça, teatro, cidade e estrelas, muitas estrelas. Ainda bem. VIVA O TEATRO.





VEM QUE VEM E SE ADENTRE

JULIA PEDREIRA

*Cortejo "Só vem" – Conservatório de
Tatuí*

Depois da rajada de cores que foi o espetáculo Chão Brasil, um cortejo se anuncia, como que dando continuidade à vibração teatral ocorrida na Praça da Matriz. Algumas esquinas adiante, enquanto o sol se despede em laranja, uma

trupe de artistas cobertos de fantasias variadas e risadas, pontualmente, inicia sua caminhada pelas ruas da cidade. Com uma surpreendente organicidade de corpos em comunhão, o cortejo segue, tranquilo, em variadas alturas e ritmos, fervente de energia, rasgando a cidade e abrindo caminho para a noite que, vagarosamente, se anuncia. A Lua já sorri, cada vez mais vibrante, enquanto a banda toca e o sacolejo das bandeiras dança no ar. É festa, é celebração, porque o FETESP já começou e é só o começo!

Então, quem ainda não se achegou que se achegue, tempo sempre há – é só esquecer o ponteiro e se jogar na roda enquanto a banda toca. Se tem vergonha, problema nenhum, se aproxime sorrateiro, pelas bordas vá se movendo, quando se vê, já tá no meio.

Não é carnaval, mas pode ser. As marchinhas pipocam nos corpos e ouvidos. Se está triste, angustiado, aflito, venha junto mesmo assim, porque o sofrer se dissipa no suor coletivo. Fazendo jus ao nome, o cortejo convida: SÓ VEM – em dó maior ou sustenido.

No entretanto, no descompasso do desassossego, se assossegue na alegria da gira do teatro da gritaria. Nessa arena movente: o tombo, é só um chinelo que arrebitou; o tropeço, termina no aconchego de um abraço, e a lágrima vira logo risada imensa.

Pra quem ainda não entendeu, é o teatro que vem passando, se firmando, riscando o asfalto e, aos poucos, puxando sorrisos

tímidos dos passantes desavisados. As crianças não se aguentam, logo no cordão se emendam. O teatro é celebração. Veja os acenos das janelas, as luzes se acendendo e as vozes e instrumentos ecoando sombras nas estreitas calçadas. O anoitecer vai caindo sobre nós, se derretendo, na entrega sutil e doce da festa que atravessa o tempo, e faz o trânsito pausar, nem que seja por um instante, a geografia se altera, a topografia treme, é tudo o FETESP que já está acontecendo – um transe.

Alegria de quem sabe pisar junto – terremoto de afetos.

Nessa festa, são saudados tanto o casal se beijando na praça como o drone zumbindo no vento – porque tem lugar pra tudo, até máquina vira gente.

E, no fim, o balancê coroa a noite derramada; deixando ainda tempo para um passo a mais: um retrato – uma memória, um *punctum* no espaço fotográfico. Venham todas todes todos, se aninhem na moldura na soltura no desejo efervescente deste presente tempo desvanecente.

Está só começando, mas logo acaba, então aproveite e se adentre na fervura quente desse encontro que só se dá no exato presente – JÁ!







SUA MEMÓRIA TEM CHEIRO E GOSTO DE QUÊ?

FELIPE DE MENEZES

*apreciação do espetáculo Eh, Turtuvia!,
a partir do painel conduzido por Paulo
Gircys – VQV – e Valéria Rocha –
Conservatório de Tatuí*

O espetáculo "Eh, Turtuvia!", apresentado na tarde de sábado, dia 22 de julho de 2023, trouxe ao 28º FETESP, a Cia. Fratri Alatere, da cidade de Bragança Paulista. Um fato curioso é que o grupo teve, há dezesseis anos, a ideia de, também, se inscrever para o festival, mas acabou não sendo selecionado para participar à época. Quase duas décadas

se passaram e, hoje, o nosso FETESP recebeu, com alegria, quatro atuantes em cena e mais um bocado de gente nos bastidores. E, dessa vez, os artistas de Bragança Paulista vieram como convidados! A plateia, em coro, se divertiu e se emocionou no Centro Cultural de Tatuí ao assistir quatro caipiras que se revezavam para contar os causos de uma pequena cidade fictícia de cinquenta anos atrás. Essa cidade rural é qualquer espaço de memória que, quando evocado, nos traz lembranças saudosistas – a menos para nós, interioranos, que crescemos em meio às rezas das comunidades, com os pés na rua, ouvindo os acontecidos com os vizinhos. A peça, que tem a dramaturgia de Luiz Alberto de Abreu, e recebeu orientação artística do Programa de Qualificação em Artes (antigo Projeto Ademar Guerra), foi toda construída com elementos narrativos que se desdobravam em diversas coisas. Todo aparato cenográfico era composto por objetos que se transformavam ao longo das narrativas. Esse jogo, que também era utilizado na atuação, torna o trabalho vivo, esperto, prazeroso de se ver e fazer.

A Cia. Fratri Alatere foi criada em 2007 e, desde então, já encenou diversos espetáculos teatrais. "Eh, Turtuvia!" é a segunda montagem com dramaturgia de Luiz Alberto Abreu – uma aposta acertada para um grupo que quer se utilizar do humor como chave para compreensão crítica do meio social no qual está inserido. Se uma dramaturgia potente é, também, um documento histórico, pode-se dizer, então, que a opção do coletivo por encenar a cultura caipira, trouxe reflexões

bastante importantes para o público, que acompanhou o debate mediado por Paulo Gircys e Valéria Rocha. No debate pós-peça, comungamos de diversas experiências e memórias acerca do nosso passado caipira e das tradições locais – tão próximas que são dos artífices que construíram a obra. Além disso, é importante salientar que esse coletivo produz teatro no interior paulista e, para nós, que somos do interior, é tão ou mais difícil produzir e circular com teatro do que na capital. Políticas públicas para a área da cultura quando não viram balcão de negociações acabam sequer existindo. Esse povo, que faz teatro nas cidades do interior, trabalha muito: desde conseguir (e manter!) espaço para ensaio, lutar contra a inexistência de recursos financeiros, buscar apoio (e respeito!) do poder público, entre muito mais coisas. Parabéns por esses dezesseis anos de vida, Fratri!

A lembrança trazida pelo público durante o bate-papo, além do sentido visual, era composta, também, por sabores e cheiros. É que o passado, para nós, não deve ser apenas um filme em preto e branco. Quando nos recordamos de um tempo que ficou para trás, temos que procurar naquelas imagens os sons, os cheiros e os gostos. Alimentar o nosso prazer com (boas) recordações, implica em não apenas qualificá-las como alegres ou tristes, mas se deixar reviver pelas várias sensações e sentidos que pudermos. E, vocês, nos presentearam com tudo isso, bragantinos. Parabéns pra vocês!





OCUPAR TUDO, INCLUSIVE, O CORAÇÃO

FELIPE DE MENEZES

apreciação do espetáculo Vila Rica ou a história de um coração que se quer ocupar, a partir do painel conduzido por Paulo Gircys – VQV – e Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí

Na noite de hoje, dia 22 de julho de 2023, a Cia Quase Poética de Teatros, oriundos da SP Escola de Teatro, desembarcou no Teatro Procópio Ferreira trazendo o espetáculo "Vila Rica ou a história de um coração que quer ser ocupado".

A dramaturgia, assinada por Andrews Nascimento, narra a história de um grupo de amigos que mora em um imóvel ocupado por pessoas que, embora tenham o direito à moradia garantido pela Constituição do país, não a possui de fato. Essa, talvez, não era a realidade das pessoas que estavam naquela plateia. Ou, por outra, era sim, a de alguns daqueles espectadores. É satisfatório quando o teatro cumpre a sua função mobilizadora, quando nos faz ver coisas que não vemos, conhecermos coisas que desconhecemos. O teatro é o espaço de convivência de uma boa parte da diversidade de uma comunidade. Naquele espaço se juntam pessoas de diferentes origens, identidades de gêneros, condições econômicas, ocupações, etnias. Contudo, houve um tempo, na história do teatro, que a única função do palco era fazer, apenas, uma espécie de fotografia de uma parte dessa comunidade: a vida burguesa e a intimidade daqueles poucos que controlavam um número muito maior de pessoas, os trabalhadores. Esse tempo, se não acabou, está com seus dias contados. As pessoas de teatro, em nosso tempo, têm se dedicado a compor narrativas de sujeitos e sujeitas que foram historicamente silenciados – quando não apagados – da história social de nosso país. Por isso, o espetáculo "Vila Rica", dirigido por Lucas Guilherme Sollar, é necessário subir em um palco tão tradicional, de uma comunidade tão tradicional como é a sociedade tatuiana. Ainda ouvimos, por aí, a palavra invasão ser utilizada erroneamente no lugar de ocupação. A realidade que se

impõe é aterrorizante, onde quase 5 milhões de brasileiros e brasileiras vivem, hoje, em áreas de risco no Brasil. Há três semanas, um jornal publicou a seguinte manchete: "imóveis desocupados representam 12 vezes a população de rua da cidade de SP". Pausa. Por que não há o interesse por trazer à cena narrativas desses sujeitos e sujeitas e seus cotidianos? Não foi isso que fez esse coletivo de jovens artistas tão implicados em seus trabalhos. Muito pelo contrário, importantes decisões e ações éticas, políticas e estéticas foram trazidas para o palco – ainda que, algumas, em sua fase embrionária.

O espetáculo transborda brasilidades e, por isso mesmo, gera uma conexão com maior parte da geração que estava, ali, assistindo. "Quem é, se identifica." – disse uma espectadora. E, mais, "nossa história está sendo contada", disse um outro. A ocupação, também, é de ordem poética. Inclusive, artistas da cidade que não conseguiam se apresentar no próprio Teatro Procópio Ferreira – lembrou um espectador.

"Vila Rica" é um trabalho jovem, feito por jovens e para jovens (de todas as idades). Dramaturgia e encenação, de mãos dadas ao corpo de atores, criaram um trabalho que precisa e merece fazer ser muitíssimo apresentado em todo canto pra toda gente. Quem sabe, assim, consigam, merecidamente, investimento financeiro para explorar, ainda mais, a pesquisa iniciada desse "teatro de música das periferias". Que a pesquisa

de vocês possa encontrar elementos de brasilidade preta e periférica não apenas no conteúdo, mas igualmente na forma, para que, assim, consigam se libertar, de vez, das formas "com-gessadas" do tal musical de tradição nova-iorquina.

Parabéns a vocês!





O NERVOSISMO EM CHÃO BRASIL

MARCO ANTONIO PEDRA

bolsista estagiário de apreciação crítica para espetáculo Chão Brasil. estudante de artes cênicas da Unicamp.

Tal&Pá é um grupo de teatro com vinte e nove anos de existência, uma continuidade louvável e não tão comum na realidade teatral. Ao longo de sua trajetória, colecionou feitos impressionantes. A sua participação em onze edições das

vinte e oito do FETESP (informação dada pela diretora do grupo Val Oliveira na conversa após a apresentação) é um deles. E a fundação do Centro Cultural ArenArt, que acolhe jovens da periferia de São Paulo, com idade a partir dos treze anos, para oficinas culturais que, depois, culminam em peças teatrais, é outro. A partir deste funcionamento, o Tal & Pá obtém uma equipe de atuantes bastante numerosa e heterogênea. No programa do FETESP, constam vinte e uma pessoas no elenco da peça Chão Brasil e seis músicos. A peça está entre o vasto repertório do grupo. O ator Paulo Volpato interpreta um brasileiro que se encontra desesperançoso com a situação do país, decide ir para o exterior, mas volta, por sentir saudades da pátria. Em torno da fábula desta personagem, um coro polifônico levanta inquietações políticas nas vozes diversificadas de jovens-atores que têm vontade de falar e muito a dizer. Volpato entrou para a companhia com nove anos de idade e hoje é um rapaz que está ingressando na vida adulta. A continuidade dos alunos no grupo expressam o gosto que eles têm pelo trabalho desenvolvido. E é um trabalho belíssimo! Há lenços coloridos esvoaçantes pelo ar, estrelas brilhantes, músicas brasileiras compostas na ditadura – *Apesar de você* (1978), *Roda Viva* (1968), *Sangue Latino* (1973) – e referências da cultura popular brasileira, através de uma releitura do Boi Bumbá e a presença de guarda-chuvas que me remeteram, ainda que de forma bastante indireta, ao frevo do Recife. Atitudes políticas

e, ao mesmo tempo, poéticas. É esperançoso ouvir discursos tão cheios de garra saindo da boca de pessoas tão jovens. O amanhã se torna um lugar mais bonito ao assistir Chão Brasil. E, tenho certeza, que não sou só eu quem acha isso. Durante a apresentação, por exemplo, sentei-me ao lado de um senhor que me disse que a peça deveria se chamar *O dia do renascimento*. Este comentário, feito com tanto entusiasmo, assim como a peça, me encantou! Aos jovens do Tal&Pá que quiserem se aprofundar na carreira teatral, aconselho que continuem estudando, investigando seus corpos, vozes, assistindo teatros e arriscando estar de frente com a plateia. E, tomara, que muitos queiram se aprofundar, porque é um grupo muito potente! Gostaria de cumprimentar também a equipe organizadora do Tal&Pá por manter, voluntariamente, um projeto tão bonito. O trabalho de vocês é importantíssimo e de alto impacto na vida dessas pessoas. E, por isso mesmo, faço também um pedido para que esta mesma equipe tome um pouco mais de cuidado com o seu nervosismo. Em dia de apresentação, é comum sentir um friozinho na barriga – seja você o ator, o músico, ou parte da equipe gestora do projeto... No dia 22 de julho, acompanhei a equipe da peça Chão Brasil desde às dez e meia da manhã até o momento da apresentação, às quatro da tarde. O nervosismo tomou conta, principalmente, dos adultos que coordenam este grupo de jovens. Este sentimento (realmente difícil de lidar) fez estes adultos erguerem um pouco as suas vozes porque, nos ensaios, alguns jovens

estavam errando. Ontem, após a peça Ficcões, Vera Holtz confessou que usa um ponto – alguém que vez ou outra sopra o texto para ela – porque, de vez em quando, ela se perde durante o espetáculo. Errar não pode, em nenhum processo criativo, ser considerado uma catástrofe. Estamos todos passíveis ao erro. Quem conduz os processos criativos não pode tratar o erro dos intérpretes como um grande sofrimento coletivo, ainda mais quando seus integrantes vêm de uma situação de vulnerabilidade social. Ninguém erra marcações de cena porque quer e é muito duro carregar nas costas o peso de um sofrimento coletivo. É mais produtivo orientar os estudantes a aprimorar a cena sem que um melodrama seja feito em torno dos equívocos. Talvez, algumas lendas do teatro conhecidas por serem muito severas e absurdamente talentosas instiguem diretores a agirem de forma parecida. Acredito que devemos copiar as virtudes de qualquer diretor brilhante, mas nunca os seus vícios. O teatro contemporâneo tem muitas urgências, e, diante delas, não parece haver espaço para um trato ríspido da direção cênica, da direção musical ou da direção corporal. Este projeto é muito importante e querido para estes jovens e para o FETESP. Espero, de todo o coração, que a equipe consiga superar essas pequenas dificuldades para elevar a potência deste trabalho belíssimo.





UM AMONTOADO ORGANIZADO

THIAGO MARCHETTO

Bolsista estagiário de apreciação crítica para o espetáculo Vila Rica ou a história de um coração que se quer ocupar. estudante da escola dos doutores da alegria

//

Tu parece mais com nós, do que com o seu patrão."

A Cia Quase Poética de Teatros, coletivo independente de teatro que surgiu na SP Escola de Teatro, investiga as próprias vulnerabilidades em um experimento cênico cômico e leal.

Vila Rica ou a história de um coração que quer ser ocupado é uma sátira do teatro amador contra os aspectos convencionais do musical. Esta obra é reflexo de um processo criativo, construído a partir de uma feira de artistas da escola de teatro em São Paulo, que busca montar núcleos a partir de cada aluno que representa alguma modalidade teatral. O elenco – composto por três atrizes, dois atores e três músicos – carrega consigo uma imersão desde a coxia até os palcos. É visível os corpos ansiosos. Ansiedade essa que é uma refeição para as personagens, que anseiam independência financeira a partir daquilo que criam. As linguagens são trabalhadas involuntariamente durante a pré-produção do espetáculo. Perceptível ou não, é um laboratório nada intencional deste humor autocrítico. Mas não esqueçamos que estamos falando de jovens artistas que falam sobre perrengues e vulnerabilidades de jovens artistas. O que facilita a interpretação.

Esta auto-sátira fez com que o grupo escolhesse se depreciar das próprias vulnerabilidades, ou seja, elevar ao ridículo suas angústias. As narrativas juvenis cruzam com o único elemento irreal deste experimento: a música. A musicalidade é quase um dedo apontado, na sua forma mais crua do "disse, e digo mais."

A dramaturgia ocorre dentro de uma ocupação de jovens artistas que lutam contra o medo, a fome e a desgraça. Vítimas da brutalidade policial e de um sistema que os impede da moradia independente e daquilo

que os mantêm vivo: distrações que os desviam da violência contra jovens artistas das periferias paulistanas. A polícia primeiro atira e depois pergunta se é artista.

É de se enxergar toda a marginalização da grande São Paulo em todas as linguagens estéticas que compõem este trabalho. Incluindo, também, a forma que se desenvolveram as personagens. Fácil seria para um não artista plástico desenhar as caricaturas dessas personagens. Incrível o trabalho deste desenvolvimento. A atriz *Naty Thyaie* deu um show à parte, interpretando a irritante e engraçadíssima July Ajuricaba – grande pilar dos acontecimentos cômicos. Com esta grande carapuça da intérprete, foi tarefa difícil do público desassociar a intérprete da personagem.

Graças ao *Andrews Nascimento*, a dramaturgia foi uma cirurgia satisfatória com as quebras dramáticas que a cena exigia. Uma anarquia cênica justificada pela metalinguagem. A sagacidade entre as perguntas e respostas dentro do teor cênico, foram pontuadas perfeitamente com o trabalho de *Lucas Guilherme Sollar*, recém formado em direção na *SP Escola de Teatro*.

Por outro lado, durante uma conversa da equipe com o público, foi interessante como essa narrativa propõe reflexões e abordagens, nos metendo numa enrascada contraditória. Estávamos rindo – nós artistas e apreciadores deste trabalho – daquilo que subconscientemente julgamos. Ao mesmo

tempo que nos sensibiliza, faz com que distorçamos todo o grito dramático do espetáculo. O personagem *Perigor* é a mais pura sátira das devolutivas do público, que associou a estereótipos transgressores, como, por exemplo, ladrões ou inimigos em massa, nos trazendo uma aversão de valores daqueles suburbanos. Compramos mesmo os depoimentos destas personagens? Realmente levamos eles a sério? Foi muito perigoso e irresponsável a apreciação daquela virtude, e as falas que cercaram este trabalho que se apresentou no Teatro Procópio Ferreira.



SANTOS?



KAIO ALEXANDRE

AINDA DÁ TEMPO!



KAIO ALEXANDRE



OCUPAR É RESISTIR

VIKTOR MIRANDA

*estudante do 2º ano de Artes Cênicas
do Conservatório de Tatuí*

O espetáculo musical Vila Rica mostrou-nos ontem um pouco do que é a realidade de uma ocupação... Ter assistido Vila Rica me trouxe muitas memórias de vivências e experiências que tive em mais de 8 anos sendo squatter –

termo usado para quem mora em ocupação ou ocupa espaços -, me trazendo muitos momentos bons e ruins.

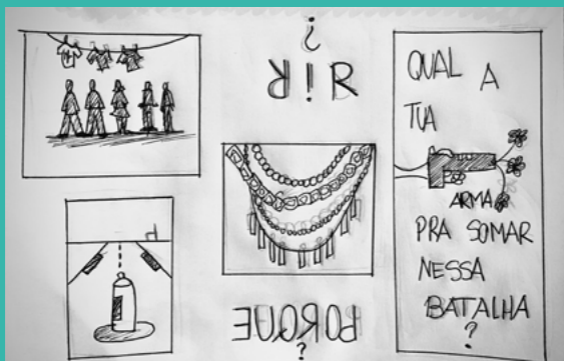
O espetáculo, com momentos satíricos, nos traz um alívio da realidade de uma ocupação, porém nas músicas e nas rimas deixam seu refrão. Lembro-me bem da época em que fui residente da Ouvidor 63 em São Paulo, logo ali, no centrão. Nosso dia a dia não era fácil, morava no 6º andar, a bomba de água que tínhamos só fazia chegar água até ali, forçando xs manxs do 7º ao 12º andar terem de descer para andares inferiores para poderem tomar banho, pegar água para cozinhar, beber e regar a horta de permacultura no terraço; ah, ainda não contei outro detalhe! Só tínhamos água até 17h, isso quando não acabava antes, portanto, o banho era regado e sempre gelado. Morei em um quarto com mais 16 parces, ninguém brasileiro, haviam pessoas desde a américa central até a américa do sul, ambos artistas circenses e anarquistas.

As cenas que rolam as ameaças de despejo são sempre reais, pois nunca sabemos o dia de amanhã, a qualquer momento pode sair uma ordem de desocupação e mandarem a tropa de choque para nos desalojar. Não é fácil ocupar, não é fácil resistir. Lembro-me bem da Morada das Flores também, uma casa que ocupei no Jardim Ouro Verde em Presidente Prudente/SP.. Já estávamos sofrendo ameaças tanto de um dos vizinhos quanto da Polícia Militar (que invadiu a casa às 2h da manhã sem sequer possuir

um mandato, agredindo covardemente dois companheiros da ocupação, isto tudo na frente de meu filho, com então 3 anos de idade). Me ameaçaram de forja 4 vezes, porém, depois dessa invasão, tivemos de sair da casa...

Quando retornei 2 dias depois para tentar resgatar alguns móveis, veio a surpresa e a amargura. Queimaram nossos 3 sofás, mais de 40 livros que tínhamos pra montar uma biblioteca de literatura livre, fogão, colchões, caixotes... Só não queimaram uma rack nossa que a dona Sônia conseguiu resgatar antes que queimassem... Acredito que meu relato é esse, só deixar um pouco do que vivi e agradecer imensamente a Cia Quase Poética de Teatros por este espetáculo, pois ele é muito importante para dar mais visibilidade às ocupações de moradia.

OCUPAR



KAIO ALEXANDRE



RIDENDO CASTIGAT MORES¹

TADEU RENATO

*professor de dramaturgia do
Conservatório de Tatuí*

Os três espetáculos que aconteceram neste sábado, somado àquele apresentado por Vera Holtz na abertura do 28º FETESP, trazem, como elemento em comum, a comicidade. Em *Ficções*, o humor opera em diálogo com reflexões sobre a

¹ Expressão latina que significa "Rindo-se, castigam-se os costumes".

existência (e a insignificância) do Homo Sapiens; em *Eh, turtuvia!*, é a resistência da memória que se vale do riso; em *Chão Brasil*, o gracejo não se apresenta de imediato, mas está presente na figura do clown que comove os corpos em cena; por fim, em *Vila Rica*, a comédia estampa os dilemas de uma Ocupação ante uma sociedade predadora e desigual. Faço esse apanhado após ouvir uma expressão já tão comum sobre certo tipo de teatro e que sempre me incomodou: o *alívio cômico*. Estranho que a comédia seja, muitas vezes, colocada como o momento de respiro entre uma tragédia e outra. Colocar o risível como *alívio* enfraquece a potência da comédia. Resquício do teatro ocidental de origem europeia, que fez ser invisível um possível tratado aristotélico sobre a comédia, o que deixou apenas a Tragédia (e, posteriormente, o Drama) como modelos sérios de uma poética sobre a condição humana.

Entender a comédia apenas como *alívio* ou entretenimento ligeiro coloca em apagamento boa parte da história do teatro brasileiro, por exemplo, que tem autores de humor de extrema importância, como Martins Pena, Oswald de Andrade, Ariano Suassuna e Noemi Marinho, para citar alguns. No próprio teatro europeu do século XX temos dramaturgos que entendem que o cômico talvez seja a maneira mais exata de mostrar o absurdo de nossas vidas: o que seria o teatro de Eugène Ionesco ou Fernando Arrabal sem os mal-entendidos hilariantes que geram, em meio ao riso, a angústia de nos percebermos ridículos?

Em um momento de *stand-ups* que requentam velhas piadas preconceituosas e flertam com ideias fascistas, é interessante perceber como artistas iniciantes ou consagradas apontam para a comicidade não como um alívio que faz com que a paz, o sentimento de ordem e uma pequena fuga refresquem a alta temperatura que temas sérios geram em nós, mas como uma ferramenta que nos fortalece para caminhar junto ao susto que é ser humano.

EXPEDIENTE

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Coordenadora de comunicação

Luiza Lorenzetti

Arte design

Lívia da Silva

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Colaboradores

Camila Barbagallo

Julia Pedreira

Felipe de Menezes

Kaio Alexandre

Marco Antonio Pedra

Tadeu Renato

Thiago Marchetto

Viktor Miranda

Fotógrafos

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustenidos Organização Social de Cultura.

Apoio:



Parceria:



PREFEITURA DE TATUÍ

poiesis
gestão cultural



OC
OFICINAS
CULTURAIS



8º ENCONTRO
MAMULENGO
em SÃO PAULO



Realização:

SUSTENIDOS



CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO